

SESSÕES DO PLENÁRIO

56ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 28 de novembro de 2014.

PRESIDENTE: DEPUTADO ÁLVARO GOMES (AD HOC)

O Sr. Presidente (Álvaro Gomes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com a finalidade de fazer a entrega do Título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira in memoriam ao Sr. Carlos Geraldo d'Andrea Espinheira, proposto por mim.

Convido para compor a Mesa o Sr. César Lisboa, Secretário de Desenvolvimento e Combate à Pobreza, representando o governador Jaques Wagner; a Srª Ita Marina Espinheira, viúva do homenageado; o Sr. João Espinheira, filho do homenageado; a Srª Lara Espinheira, filha do homenageado; o Sr. José Eduardo Ferreira, mestre em Psicologia, doutor em Saúde Pública e pós-doutor em Cultura Contemporânea; o Sr. Sérgio Guerra, vice-presidente do Conselho Estadual de Educação; a Srª Nide Nóbrega, Coordenadora de Artes da Secretaria da Educação. (Palmas.)

Convido os presentes para ouvirem a execução do Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

O Sr. Presidente (Álvaro Gomes):- Como sou o proponente da presente homenagem, farei o meu pronunciamento.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Sr. César Lisboa, Secretário de Desenvolvimento e Combate à Pobreza, representando o governador do Estado; Srª Ita Marina Espinheira, viúva de Gey; Srs. João Espinheira e Lara Espinheira, filhos do homenageado; Sr. José Eduardo, mestre em Psicologia e doutor em Saúde Pública; Sr. Sérgio Guerra, representando o Conselho Estadual de Educação; Nide Nobre, coordenadora do projeto de arte da Secretaria de Educação; Rui Espinheira, Tuna Espinheira e demais familiares, amigos presentes nesta sessão especial, a qual considero muito especial.

Gostaria de fazer alguns esclarecimentos. Tínhamos programado conceder este título a Gey Espinheira ainda em vida, mas, infelizmente, o destino terminou levando-o, não o temos mais aqui entre nós. Aprovamos este título aqui, in memoriam, porque achamos mais do que justo relembrar das boas ações e do papel

que Gey Espinheira desenvolveu em busca da construção de uma sociedade mais e justa e igualitária.

Eu tive o privilégio de conviver, num curto período, com Gey Espinheira, seja no Iapaz, Instituto de Estudos e Ações pela Paz com Justiça Social, do qual ele era diretor, e eu tenho a responsabilidade de presidir. Juntos fizemos nossas viagens pelos fóruns sociais no mundo e no Brasil. A exemplo do Fórum Social na África, em Nairóbi, em Porto Alegre, Fórum Social do Nordeste, do Fórum Social das Américas.

Portanto, tive o privilégio de conviver com Gey Espinheira num curto período, mas foi um período marcante para todos nós. Por isso eu queria fazer esses esclarecimentos.

Também gostaria de fazer um ato com uma representatividade muito grande, uma coisa de grande repercussão, mas, infelizmente, eu não fui reeleito deputado, e o nosso mandato termina no dia 1º de fevereiro, como janeiro é recesso parlamentar e não tem condição de haver sessão especial, podemos encerrar em meados de dezembro, quando termina de votar o orçamento, encerra o processo legislativo e o nosso mandato na Casa.

Eu não gostaria de sair daqui da Assembleia Legislativa da Bahia, depois de 12 anos, sem fazer esta homenagem. Por isso, que marcamos para hoje, dia 28, não foi o melhor dia, não tivemos tempo suficiente para fazer boa convocação, mas considero que esta sessão tem uma qualidade extraordinária pela representação que está aqui presente, como a representação do governador do Estado, da Secretaria da Educação, do Conselho de Educação, da Procuradoria do Estado, Drª Cléa; do deputado federal, Daniel Almeida, representando o nosso partido, têm diversas outras lideranças e entidades presentes. Considero que, embora com o pouco tempo de convocação e ainda no período que não seria de condições normais, porque queríamos fazer em outro período com maior repercussão, com maior peso. Consideramos esta sessão especial bastante representativa e muito importante para todos nós.

Quero falar um pouco da biografia de Gey espinheira.

(Lê) “Carlos Geraldo D'Andrea Espinheira, mais conhecido como Gey Espinheira, faleceu no dia 17 de março de 2009, aos 62 anos, cobrindo de luto o meio acadêmico e a sociedade baiana, pois como intelectual extrapolou os muros da academia e colocou todo o seu conhecimento, sabedoria e dedicação a serviço da construção de uma sociedade mais justa.

Nascido em Poções, Gey Espinheira era sociólogo formado pela Universidade Federal da Bahia, UFBa (1970), mesma instituição na qual fez o mestrado também em Ciências Sociais (1973-1975), com a dissertação 'Divergência eProstituição: uma Análise da Comunidade Prostitucional do Maciel.'

A partir de 1980 passou a laborar como professor na Universidade Federal da Bahia, atuando na graduação e pós-graduação, nas quais ministrava, além das clássicas disciplinas de Sociologia, as disciplinas 'Sociologia da Juventude', 'Cidades

e Democracias - Movimentos Sociais e Cidadania', 'Sociabilidade: Mal-Estar na Racionalidade' e 'Sociologia das Desigualdades e de suas Consequências' e 'Sociabilidade e Violência.' Vislumbra-se, pois, que seu interesse sempre esteve mais direcionado para os movimentos sociais e as questões das desigualdades sociais, da juventude e da violência. Ainda perante a UFBA, atuou como chefe do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

A formação acadêmica de Gey Espinheira foi coroada com o doutorado em Sociologia, concluído em 1997 na Universidade de São Paulo, com a tese 'Mal-Estar na Racionalidade: os Limites do Indivíduo na Medicina e na Religião'. A partir da obtenção do título, passou a desenvolver pesquisa junto à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, na linha de 'Cultura, Cidade e Democracia: Sociabilidade, Representações e Movimentos Sociais', sendo que para o biênio 2008-2009 trabalhava no projeto 'Signos de Salvador: Baixa dos Sapateiros.'

Compondo o tripé fundamental da educação, Gey Espinheira também trabalhou na extensão da Faculdade de Medicina, no período de 1990 a 1995, no Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas - CETAD, ministrando treinamentos, realizando seminários, prestando atendimento às associações comunitárias, além de outras atividades. Ainda na extensão universitária, a partir de 1997, passou a atuar na atividade 'Sociabilidade Soteropolitana: as Animações da Vida - UFBA em campo.'

Gey Espinheira deixou uma extensa produção bibliográfica, na forma de artigos publicados em periódicos técnicos, livros publicados e organizados, capítulos de livros, textos em jornais de notícias e revistas, trabalhos e resumos publicados em anais de congressos. Nessa produção, destaco o mais recente 'Os Limites do Indivíduo: Mal-Estar na Racionalidade, os Limites do Indivíduo na Medicina e na Religião' pela Fundação Pedro Calmon, Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia, 2005, e o romance 'Relógio da Torre', vencedor no gênero na 2ª Edição do Concurso Literário Bahia de Todas as Letras da Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz-BA.

Sua atuação profissional também compreendia a participação em orientação de mestrado, doutorado e iniciação científica, cursos, palestras, seminários, bancas de mestrado, doutorado, exame de qualificação, trabalho de conclusão do curso e concurso, consultoria, oficinas, entre outras. Nem mesmo durante o período em que lutou contra a doença, Gey Espinheira interrompeu seus trabalhos, persistindo no exercício das atividades com o mesmo empenho profissional até os últimos momentos de sua vida.

Gey Espinheira era diretor do Iapaz, Instituto de Estudo e Ação pela Paz com Justiça Social, e participou das edições do Fórum Social Mundial em Porto Alegre (2005) e Nairóbi, no Quênia (2007), e do Fórum Social das Américas, na Guatemala, em 2008, sempre prestando grandes contribuições à luta pela construção de uma sociedade mais justa socialmente e sem qualquer tipo de opressão.

O resumo de sua atividade profissional permite concluir que buscou sempre

uma área de atuação com ênfase nos seguintes temas: direitos humanos, violência, democracia, cidadania e educação. Sempre se destacou pela atuação militante, razão por que sua vida se confunde com a história das lutas populares na Bahia em defesa dos direitos humanos e por uma melhor qualidade de vida para o povo baiano.

Não poderia deixar de fazer esta homenagem com imensa satisfação e saudade, através da concessão post mortem do Título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, pela Assembleia Legislativa do Estado.”

Portanto, quero registrar que a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia se sente honrada em conceder este Título, a mais alta condecoração da nossa Casa Legislativa, a um intelectual que colocou o seu conhecimento a serviço da transformação social. Porque esse é o grande mérito de Gey Espinheira. Não basta ser intelectual, o maior teólogo do Brasil ou do mundo, se essa teoria não estiver voltada para a construção de uma sociedade com paz e justiça social.

Aí está o grande mérito de Gey Espinheira, um grande intelectual da Bahia e do Brasil. Mas todo o seu conhecimento e sabedoria foram voltados para a construção de uma sociedade com liberdade, justiça social, sem opressão e com paz, na qual todos possam viver com dignidade. O exemplo de Gey Espinheira está presente em todos nós.

Viva Gey Espinheira! Ele está junto de nós! Vamos à luta até à vitória!

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido para compor a Mesa o deputado federal Daniel Almeida. (Palmas!)

Com a palavra o professor José Eduardo Ferreira.

Depois passaremos um DVD, feito por Gey Espinheira, sobre o subúrbio.

O Sr. JOSÉ EDUARDO FERREIRA:- Em primeiro lugar, quero agradecer este convite para nesta manhã estar aqui pra falar do Gey. Desde 2010 sempre falo dele nas entrevistas, nos livros, porque ele me acompanhou num momento muito delicado da vida. Quando somos estudantes, somos muito inseguros.

Meu nome é José Eduardo, nasci e moro no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Fui fazer o mestrado na UFBa em 2002 e encontrei o Gey na aula sobre juventude. Lembro que para quem é estudante há um momento em que não sabemos o que carregamos como potencialidade. E são poucos os professores, são poucos os adultos aquelas pessoas que têm o dom e a potencialidade de olhar para um estudante e dizer: “É possível você ser.”

E com Gey, logo nas primeiras aulas a coisa que mais me impressionava é que ele dizia para a gente sempre isso: que viver é suprir necessidades, mas existir não.

Existir é superar essas necessidades e criar. Ou seja, o momento em que a gente começa a existir para o mundo é quando a gente começa a se dar conta de que a gente faz parte desse mundo. E com Gey a gente aprendia isso na aula.

Mas eu não queria falar muito nos verbos do passado, porque, para mim, ele está presente sempre. Ele está presente porque está mudando e moldando a forma de muita gente trabalhar. Justamente porque ele conheceu a cidade de uma forma única, acho que é um dos intelectuais das universidades presentes na Bahia que conheceu a cidade de Salvador e que conheceu a Bahia, ele não era de gabinete. E como eu nasci no subúrbio, impressionava-me muito o cuidado dele com o Subúrbio porque ele fazia muita pesquisa lá, e uma vez um morador, diante da bela vista do Mirante de Periperi, uma vista que dá para o mar, o morador disse para ele assim: aqui é terra cara para gente barata. E em toda aula ele dizia isso. Olhem, eu fiz essa pesquisa e o pessoal do Subúrbio não se valoriza.

E por coincidência, eu fui estudar o quê? Fui estudar violência no Subúrbio. Eu estudei no mestrado trajetória de meninos no Subúrbio que foram assassinados e no doutorado, repercussões de homicídio entre jovens, e ele estava lá sempre, tanto na qualificação quanto nas defesas.

Inclusive, em 2004, na defesa de mestrado, era o aniversário dele e ele estava lá. Eu nunca esqueço isso, esse cuidado, porque ele tinha esse cuidado com a gente, cuidado com a pessoa, ele nem me conhecia. E depois pesquisando, fui ver que foi em 2000, que quando comecei a entender o que eu queria fazer na vida, escrevi para ele, escrevi para o senhor Rui Espinheira, perguntando como a gente pode ser nessa vida? Aí, quando defendi o doutorado, ele estava na minha defesa, em 2008, ele já estava cansado, um pouco doente, e ele fez questão de ler o parecer. Acabando a defesa, ele virou para mim e disse assim: olha, Zé Eduardo, Dinho, acabou, você já mostrou a violência no Subúrbio. Agora você tem que mostrar o que é que tem aqui de belo e que as pessoas nunca viram e que existe aqui no Subúrbio.

Eu nasci e cresci no Subúrbio e nunca tinha me dado conta que tinha beleza no Subúrbio, que nunca tinha elaboração artística no Subúrbio. E fiquei atordado com aquela questão porque eu estava terminando o doutorado em violência. E aí fui entender depois que Gey era totalmente, como pesquisador e como ser humano completo, porque ele não via a vida somente sob o ponto de vista sociológico, compartimentado. Ele via a vida na inteireza da vida. Então, se eu quisesse ser intelectual, eu não podia ser sectário.

Isso foi muito forte para mim, porque eu sempre gostei de arte, mas nunca tinha me interessado em pesquisar a arte. E aí comecei a pesquisar em 2010 a arte invisível dos trabalhadores da beleza das periferias em Salvador. Comecei a pesquisar os artistas do Subúrbio e descobri que o meu Subúrbio Ferroviário, 22 bairros, 600 mil pessoas, todo dia divulgado na mídia como lugar de vagabundo e marginal, é um dos polos maiores de cultura que existe no mundo. E tudo isso por causa de uma indicação de Gey Espinheira.

E cada dia quando chego para fazer a pesquisa, vou me dando conta de que a nascente da beleza é sempre maior. Como as pessoas não acreditam ou podiam não acreditar no que Gey indicou, eu comecei a comprar de cada artista uma obra para botar numa laje, lá no Subúrbio, em Plataforma, onde eu morava, porque a laje foi tomada pelas obras. Quatro anos depois de pesquisas, conseguimos juntar mais de cinco mil obras artísticas presentes no Subúrbio, tudo por causa de uma frase dita pelo meu querido Gey Espinheira.

Então, esta homenagem, deputado Álvaro Gomes, é muito merecida. Quero dizer ao senhor, à família, aos amigos...

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido para compôr a Mesa a Dr^a Cléia Costa dos Santos, que é procuradora do Estado e representa a OAB.

Quero registrar as presenças de Álvaro Raimundo de Jesus, do IPAC; Adonai Borges, presidente da AICA; Antônio Jorge Moura, jornalista; Sílvio Pinheiro, secretário de combate ao racismo da CTB; Letícia de Castro Carvalho, psicóloga; Jordan Lima, terapeuta ocupacional da CAPS-AD Gey Espinheira; Sônia Maria Bamberg, coordenadora da Terceira Idade da Uneb; sargento Absolon, presidente da Associação dos Policiais Militares Humanitários da Bahia; Nádia do Rosário, coordenadora do Núcleo de Quilombos; Sindicato dos Bancários da Bahia; Sindicato dos Metalúrgicos; Frente de Luta Popular; Iapaz, entre outras entidades.

Concedo a palavra ao secretário César Lisboa, representando o governo do Estado.

O Sr. CÉZAR LISBOA:- Senhor proponente desta sessão, deputado Álvaro Gomes, quero iniciar fazendo uma homenagem especial por você ter pensado em fazer, hoje, a entrega desse título tão expressivo a Gey Espinheira. Quero aproveitar para saudar Taninha, João, Lara, Tuna e Rui, que são parentes, filhos e irmãos do homenageado; José Eduardo, que estou conhecendo aqui, Lide, Sérgio Guerra e todos que estão ocupando a Mesa. Aproveitei para fazer, ontem à noite, umas anotações, porque eu viria aqui a esta sessão. Devo confessar que vim com a satisfação de estar representando o governo do Estado da Bahia, o governador Jaques Wagner, exatamente porque era um ato a Gey Espinheira.

Há um tempo atrás, (Lê) “no ano de 2008, participei de uma homenagem em vida ao professor Gey. Homenagem que aconteceu no Cetad, com a presença do mestre, seus amigos e seus familiares. Na ocasião, tive também a honra de falar em nome de todos aqueles que foram seus alunos.

Ontem à noite, quando preparava esses “improvisos” aqui, fui à minha biblioteca retomar alguns escritos de Gey pelos quais eu tenho uma admiração, e eis

que encontro as anotações que fiz para aquele evento e que supunha ter perdido quando me roubaram a casa e todos os meus arquivos e escritos que estavam armazenados em um computador e em um HD externo. Resolvi revisitar as anotações para poder falar algumas coisas.

Por pura alegria, resolvi retomar para hoje aquela estrutura de fala, tendo o cuidado de retirar – por insistência de minha companheira – as idiossincrasias que acompanharam a minha intervenção naquele momento. Claro que não gostaria nunca de prestar homenagem a um Gey eunuco, edulcorado, grave, taciturno, asséptico e sem o gosto do sal da vida. Por certo esse não seria o Gey que muitos de nós conhecemos e com quem, de alguma forma, convivemos.

Lá, naquela ocasião, eu brincava que era um dos sócios-fundadores da APG - Associação dos Pupilos de Gey Espinheira. Que eu era o sócio de número 26. E que tinha conseguido esse lugar na lista disputando a tapa essa posição e que, sobretudo, as 10 primeiras inscrições ficaram restritas à ala feminina da AGP.

Devo confessar que tenho meus motivos para ter certa inveja do mestre Gey. Não tanto pela sua careca ou por sua vasta barba... O que eu admirava nele era, sobretudo, o seu charme e seu imenso poder de sedução, especialmente nas hostes femininas...

E esse charme especial se manifesta em três dimensões que eu gostaria de ressaltar aqui:

A primeira, na sala de aula, corno professor.

A segunda nos seus escritos – tanto os de sociologia (que são abundantes e mais conhecidos), como os de literatura (que ele praticava por puro prazer e desfrute)

A terceira, no seu modo de vida – como exemplo de coerência e compromisso com as causas mais amplas da emancipação da humanidade. São sobre essas três coisas que eu queria falar.

Como professor ele formou várias gerações de profissionais da área de humanas. Quem não se lembra das aulas do professor Gey?

O professor Zé Eduardo, inclusive, falou sobre isso com paixão, pois ele tinha um famoso curso chamado de “Formação da Sociedade Brasileira”. Tal curso era algo mais para a gente do que, meramente, remoer os clássicos do nosso pensamento social. Ali, a gente, de alguma forma, aprendia, com vigor, a “radicalidade” de um Florestan Fernandes; aprendia a prosa carnuda de um Gilberto Freire; aprendia a sutileza de um Sérgio Buarque; aprendia a exigência de um pensamento genuíno de nós mesmos de um Guerreiro Ramos.

Ali, aprendíamos, também, reconhecer um pensamento leve, quase pluma, de um Thales de Azevedo. E, também, a gente, de alguma forma, brincava com certos comentários sarcásticos sobre um culto invisível a Machado Neto que pairava sobre a velha história de São Lázaro. Aquilo me parecia bastante interessante naquele

momento e naquela oportunidade.

Agora, o mais importante é que tudo isso nos dava um prazer de descobrir o nosso País, enquanto país, enquanto sociedade e a nós mesmos – como o professor Zé Eduardo falou aqui – enquanto pessoas que buscavam novos rumos e novos riscos que queríamos correr na vida. Aquelas eram aulas alegres, descontraídas, cheias de informação e, sobretudo, de prazer. A palavra era esta mesma, qual seja, prazer de ouvir e, mais que ouvir, dialogar com o mestre Gey Espinheira.

Há um belo livro de Jorge Stein chamado a “A Lição dos Mestres” que, por um lado, nos mostra as profundas raízes da experiência religiosa no magistério com um certo caráter de sacerdócio do magistério e, por lado lado, nos mostra uma raiz erótica no magistério como um jogo de sentimentos, um prazer que se desencadeia no aprendizado e na confiança que desenvolvem entre os mestres e os seus alunos. Acho que o depoimento do professor nos mostrava muito claramente isso.

Tudo isso tem de ser imerso no compromisso com o valor maior pela humanidade que é a expressão mais madura da liberdade humana. Tudo isso estava, ali, nas aulas de Gey Espinheira.

Bem, quanto à segunda dimensão, refiro-me aos escritos de Gey Espinheira, porque ele era – ao menos para mim e acredito também para mais pessoas – uma referência, uma vez que seus escritos não eram feitos naquele jargão empolado ou hermético ou chato no estilo meio genial que significa “eu não entendi nada”.

A linguagem de Gey era muito própria da sociologia, pois ele tinha uma prosa clara, cristalina, às vezes, beirava à poética. Isso nos enchia de entusiasmo. Eu li muitos artigos de Gey Espinheira, uma vez que, inclusive, fui um dos editores da revista “Cadernos do Sesi”.

Para nós, era uma festa quando chegava um novo artigo de Gey, pois já sabíamos ser algo bom e importante. Tais artigos eram comovedores e, quase sempre, falavam do 'muro dos deserdados', do 'sofrer humano dos mais fragilizados na sociedade'.

Agora, todos os artigos tinham um profundo respeito pela vida, sabendo arrancar a dignidade onde outras pessoas só conseguiam ver feiúra e dor. Esta era uma das qualidades de seus artigos.

Foi assim com os artigos e os estudos de suas queridas putas do Maciel, com os usuários de drogas, com as crianças em situação de rua. E, aqui, quero, até, citar um pedacinho do texto dele de 1993 que fala de crianças e adolescentes em situação de rua que diz, exatamente, o seguinte: (lê) “A sociedade não gosta de crianças e adolescentes sem donos. Ao vê-las nas ruas, sente-se mal. A visão é por demais afrontosa. Os mais pragmáticos as eliminam. Os mais sensatos vêm nelas a decadência social. Os mais piedosos as acolhem. Mas a sociedade é a mesma que se enoja, que se critica, que se apieda e é a mesma que é produtora de abandonos e exclusões.”

Isso tem um quê de crítica e de ironia para com a própria sociedade que eu acho bastante importante cultivar.

Esta visão crítica, também, aparece nos escritos dele sobre a Questão da violência urbana ou Da sociedade do medo, como ele chamava ou, em suas reflexões, sobre o enfraquecimento normativo do religioso na sociedade moderna. Esta última linha de pensamento é uma tese que eu acho bastante importante e serviu de base para o doutoramento de Gey Espinheira.

Aliás, a sociologia, na Bahia, está devendo uma edição ou um livro desses artigos que são muitos e estão esparsos. Então, nós poderíamos ver se conseguíamos tentar juntá-los, pois são bastante importantes.

Bom, por deformação de ofício, eu sou sociólogo, portanto, farei uma pequena mais necessária digressão sobre os aspectos metodológicos e renovadores daquilo que Gey estava construindo em sua sociologia quando a morte o levou.

Esta concepção já aparece em seus textos de um modo geral. No entanto, elas estão mais sistematizadas, ao que me consta, em seus últimos livros. Um livro se chama Metodologia e Prática do Trabalho em Comunidade e o outro livro se chama Sociedade do Medo. Tais livros refletem as experiências coletivas que ele estava fazendo com grupos de jovens em comunidades periféricas. Acho que João participava dessas equipes de trabalho.

E, ali, Gey Espinheira defende o que chama de sociologia mundana, no sentido de uma sociologia que se recusa à ilusão de uma neutralidade axiológica e, portanto, (lê) “está a serviço das transformações sociais e escolhe de que lado está”, segundo as palavras do próprio Gey.

Nesse contexto, ele defende o que chama de uma (lê) “sociologia da proximidade que busca, nos fatos cotidianos e na história da vida das pessoas comuns, os personagens do drama humano que cabem à teoria social explicitar. Nesse caso, o chão de origem é a matéria prima da análise sociológica imposta pela própria realidade”.

Aqui, abro aspas de novo para citar o próprio Gey quando diz (lê) “ao se impor, a realidade diz o que deve entrar na composição da análise. Não depende da vontade do analista. É a realidade ou o seu aspecto selecionado quem escolhe o sociólogo”.

Dessa afirmação, ele extrai a certeza do compromisso social do sociólogo e a convicção de que este mesmo real, ao ser escrito em termos sociológicos, é, também, um “constructo”, ou seja, “uma ficção do real”. Assim, Gey chamava. A sociologia de Gey, então, afirma (lê) “a ficção do real como uma metáfora de um estilo e flerta, fortemente, com a hipótese de que existe uma profunda interrelação entre a literatura e a teoria social como instrumentos de compreensão da vida social”.

Talvez, por isso, por esse fato, por esta ideia da ficção do real ou por algum vício de família, Gey nos legou alguns textos literários bastante interessantes. Neles, a linguagem é mais solta com sua verve irônica ainda mais exposta.

Quanto à sua verve, sempre a achei interessante. Um desses textos, por exemplo, faz uma coisa interessante, por exemplo: (lê) “Basta tocar fogo no Pelourinho para emergir um vasto e estranho mundo: putas, boêmios, mulheres do sexo devoluto, chefetes. Tudo entra em ebulição para tragar uma alegoria desta nossa Bahia em que até os santos cometem sua dose de pecado.”

Por fim, quero destacar o seu modo de vida pessoal para além dos espaços do pensar acadêmico. Quem teve o privilégio de tomar uma cervejinha com o professor Gey Espinheira sabe do que estou falando. Refiro-me ao seu modo de chamar o garçom sem perder o gesto, da sua alegria contagiante, de seus comentários espirituosos, ácidos, prenhes de sua malandragem serena. Para se chegar a tanto, há de se ter uma imensa quilometragem etílica... E parece que ele tinha isso bem forte.

Porém, o que mais me chamava a atenção, nesse aspecto de sua vida pessoal, era a sua coerência para com o mundo, a sua visão de mundo, o seu modo de atuar, sua perspectiva política, ideológica, existencial. Creio que todos, aqui, hão de concordar que sua biografia nunca deu margem para qualquer escorregão em sua postura de vida. E todos nós sabemos como é difícil ser assim e como é raro ser assim.

E quem é assim, é uma preciosidade, pois (lê) “salva o mundo de todos os desconfortos que nós, seres humanos, criamos para nos mesmos”. Por isso, criamos a tal APG que falei anteriormente. E, por isso, estamos, hoje, aqui, para homenagear Gey Espinheira e cultivar os seus ensinamentos de vida.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Agora só uma informação, na realidade, vamos entregar o Título in memoriam, geralmente abrimos os títulos, no caso aí, pelo protocolo aqui, apesar de que podemos quebrar protocolos, mas pelo protocolo tem que entregar fechado porque é em memória, quando é em vida, abre, tal, mas agora é fechado.

Eu queria chamar, portanto, a Sr^a Ita Marina, que é a viúva, os seus filhos, João e Lara, os seus irmãos, Tuna e Rui Espinheira, para que possamos entregar aqui o Título in memoriam a Gey Espinheira.

(Entrega do Título aos familiares do homenageado.)

(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Tenho a satisfação de passar a palavra a João Espinheira, filho de Gey Espinheira, para fazer o seu pronunciamento.

O Sr. JOÃO ESPINHEIRA:- Primeiro, bom-dia a todos.

Eu gostaria de agradecer, em nome da família, imensamente ao deputado

Álvaro Gomes, que é uma pessoa que esteve bastante presente na vida de Gey, principalmente nos últimos anos, que deu uma repercussão e uma importância imensa aos trabalhos de Gey, levando com ele ao Fórum Social Mundial e acreditando no trabalho, fazendo em parceria com Gey a criação do IAPAZ, do qual ele participou desde o início, um projeto que tinha total coerência com toda a história da teoria e prática de Gey, que é a crença que a paz só será possível com justiça social, com a construção e criação de uma sociedade mais justa.

Confesso que estou bastante emocionado, principalmente pela fala de José Eduardo, porque o que mais fica do legado de Gey acho são as pessoas que levam o trabalho dele para a frente e com a verdade, com o carinho que foi mostrado por ele.

Acho que aquilo, realmente, me emociona muito, o acervo da Laje, todo aquele trabalho, acho que ali está a essência da generosidade de Gey diante das pessoas, diante dos seres humanos. Além de lutar para combater toda uma situação de feiúra, lutou para mostrar a beleza e o valor lírico e poético que todos nós temos a capacidade de mostrar e de desenvolver neste mundo, mesmo estando em locais onde somos estigmatizados pela feiúra e pela violência. Acho que romper com isso e trazer a beleza e trazer o potencial do ser humano é uma das coisas que mais marcaram a generosidade de Gey diante da sociedade, diante das pessoas.

Realmente, tenho que agradecer imensamente às pessoas que levam esse trabalho para frente dessa maneira, fazendo com que a beleza que ele inspirou seja refletida nos trabalhos que se fazem a partir daí.

Então, eu gostaria de agradecer imensamente. Minha fala é muito curta. Confesso que estou bastante emocionado, não me prolongarei mais. Quero agradecer imensamente a Álvaro por este momento, por tudo isso, em nome da família, por este trabalho. E que continue com essa força, com essa vivacidade, porque acho que isso é uma das coisas que mais honram a memória de Gey.

Muito obrigado a todos. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Quero informar que, naturalmente, esta sessão está sendo gravada e transmitida ao vivo. Depois faremos um DVD com esta gravação para divulgá-la mais. Faremos também uma revista com todo este conteúdo.

É importante fazermos este registro porque, apesar de termos uma presença bastante representativa, a sessão está sendo transmitida ao vivo e gravada para dar continuidade e reproduzir esta homenagem para a nossa sociedade.

Passo a palavra ao irmão de Gey, Ruy Espinheira, grande intelectual também, poeta, escritor, professor, para fazer uma saudação.

O Sr. RUY ESPINHEIRA:- Muitas coisas justas, lúcidas, inteligentes foram ditas aqui e não vou ficar repetindo o que os outros disseram. Eu só gostaria de dizer

que foi para mim uma honra ser irmão de Gey Espinheira. Ele era um homem com todos os seus valores intelectuais, também possuidor de uma virtude que também já foi referida aqui: a generosidade e a capacidade raríssima de se importar com todos. Eu conheci isso antes em meu pai. Era um homem que tinha essa generosidade, essa delicadeza diante da vida e dos seres humanos, e em Gey isso foi levado ainda mais longe, porque a área de trabalho dele foi mais extensa, não só na Bahia, mas no Brasil e no exterior como foi frisado aqui. Em todo momento ele se destacou por essa capacidade de jamais achar que certas coisas não deveriam ser consideradas com essa generosidade. Até politicamente. Ele nunca foi homem de radicalismos políticos. Ele sempre foi uma pessoa que tentou compreender como a gente e os fenômenos se davam, e lidar com eles dessa maneira generosa.

Então, o sociólogo, grande teórico também, embora não o teórico geralmente encontrável na universidade, que não passa da teoria e que às vezes transforma essa teorias em coisas incompreensíveis, mas o teórico que aplica na vida, que vai à vida para tirar daí os ensinamentos fundamentais, como no caso mostrado aqui nesse DVD, em que ele estimula a ida à sociedade mais pobre para descobrir nela seus altos valores do espírito, porque o ser humano é algo que se constrói.

Em um país em que a sociedade é vista de forma tão superficial, até de maneira vizinha ao desprezo, em que o investimento é feito num populismo barato, em que a busca não é pela arte, por exemplo, porque a arte é uma das grandes realizações do ser humano, mas por aquilo que pode render simpatias políticas, eleitoreiras, em nome de algo completamente falso, que é dizer: “Estamos dando ao povo o que o povo quer”, quando o povo tem que ser construído, quando o povo é ignorante porque é mantido na ignorância, porque ele é pouco exigente, porque não lhe dão condições para que se desenvolva criticamente.

Essas coisas eram coisas que interessavam particularmente a Gey Espinheira, e ele lutou contra isso, e ele trabalhou no sentido exatamente de descobrir a grande riqueza que era esquecida nessas multidões, pela má política, pela indiferença, pela excessiva teorização sem amadurecimento social, vamos dizer assim. Então, essa grandeza dele, que continua servindo àqueles que o conheceram, àqueles que entraram em contato com os seus textos e àqueles que ainda vão entrar em contato com os seus textos, inclusive com os seus textos de criação literária, porque ele também foi um ficcionista de merecimento muito maior do que recebeu até hoje, mas que vai receber ainda, é uma questão só de tempo e de conhecimento.

Então, gostaria só de dizer essas coisas, e isso me emociona porque Gey foi uma pessoa rara, dessas pessoas que marcam e felizmente marcaram algumas pessoas também raras, que sabem dar valor a isso, que sabem dar continuidade a isso e que vão dar continuidade a isso. Ninguém sabe por quanto tempo ou para sempre, porque essas lições felizmente não morrem.

Era o que gostaria de dizer. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Queria só informar que – fruto das contribuições de Gey nos fóruns sociais –, temos aqui este livro, que é o Livre Pensamento nos Fóruns Sociais, editado pelo Iapaz e pela Editora Anita Garibaldi, de São Paulo. Aqui temos os textos de Gey e do professor Fábio, e também foram textos escritos conjuntamente, Eu, o Gey e o professor Fábio. Temos aqui alguns exemplares para distribuir depois às pessoas interessadas. É um livro muito interessante, nele se vê, realmente, a contribuição de Gey nos fóruns sociais, nos fóruns sociais mundiais, nos fóruns sociais das Américas, no fórum social aqui do Brasil, também no Nordeste. Foram várias contribuições.

Vamos repassar para algumas pessoas alguns exemplares. Aqui está a foto de Gey na Guatemala, participando desse fórum social. Lembro-me da imagem de Gey lá no fórum, salvo engano, da Guatemala, quando ele soube que João tinha passado em Sociologia, ele chorou de alegria. Nós tomando uma cervejinha e ele chorando de alegria por essa notícia. Então, são belas lembranças que temos do nosso saudoso Gey Espinheira. Mas, sem dúvida nenhuma, o seu exemplo vai continuar.

Convido os presentes agora a ouvir a execução do Hino da Bahia.

(Execução do Hino.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença dos familiares, das lideranças, de todos que vieram aqui nesta sexta-feira bonita prestar essa homenagem a Gey Espinheira, celebrar aqui, essa alegria de homenagear um exemplo para todos nós.

Em nome do Poder Legislativo do Estado da Bahia declaro encerrada a sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/v2/sessoes.cfm>. Acesse o caminho **Sessões** e leia-as na íntegra.*